

«Estou seguro de que a
doenças comunitária, não tendo
podido realizar-se em revolução,
mas só em crueldade,
acabará por esgotar-se e passar,
deixando embora, aqui e
ali, ensaios de instituições,
termos vagos de reivindicações sociais, uma que outra
solução».

SALAZAR

ANO IX — N.º 231
JULHO
2
1 9 6 1

(Avença)

Avença

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redação e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULE

«Preparando e aceitando a sua
jeição a Moscovo evitar-se-ia ao
menos a guerra? Meu Deus! Não.
Tal política colocava-nos, pela
sua cegueira, precisamente na
frente de batalha e faria de nós
um dos primeiros e decisivos ob-
jetivos da luta, com o gravíssimo
inconveniente de nos colocar
do lado contrário àquele em que
se situam os nossos interesses
permanentes».

SALAZAR

A Visita Presidencial ao Algarve

*Na sua recente via-
gem particular ao Al-
garve, passou por Loulé
o sr. Almirante Américo
Tomás, venerando Chefe
do Estado.*

*Não esquecendo que
Duarte Pacheco era na-
tural desta vila, onde se
ergue uma memória, de
indole e por contribui-
ção, de carácter nacio-
nal, o senhor Presidente
da República apeou-se
propositadamente do au-
tomóvel para admirar o
interessante monumento,
que classificou de con-
cretização de «uma ideia
feliz».*

*Prestou respeitosa e
sentida homenagem ao
grande estadista, cuja
ação marcou as caracte-
rísticas de uma nova
era de obras públicas.*

*Na gravura vemos Sua
Exceléncia a sair de jun-
to do monumento a
Duarte Pacheco, acom-
panhado do sr. Enge-
neiro Arantes e Oliveira, verda-
deiro continuador da grande obra
do indito ministro e penhor da
sua manutenção, em grandiosi-*



*dade e ousadia.
Segundo-os, o sr. Guerreiro
Barros, Presidente do município
local.*

O Custo de produção DA ALFARROBA e o lucro dos intermediários

*A Corporação da Lavoura, de
acordo com a Federação dos Gré-
mios da Lavoura do Algarve, acu-
bou de terminar um estudo sobre
este tema, que foi enviado para
as instâncias superiores, onde se
trata também da forma de co-
mercializar este fruto seco que é
produzido por cerca de 18.000
proprietários algarvios.*

*Comparem-se agora os riscos
do lavrador com os de comercian-
te — e tirem-se as conclusões!*

(Continuação na 2.ª página)

*meros oficiais, que, enquanto o
lavrador não chega a ter 2% de
juro ao capital fundiário, consti-
tuído pela terra e plantação do
alfarrobal, os lucros de todas as
actividades, desde a compra da
alfarroba à Lavoura, até à expor-
tação ou entrega à indústria, é,
pelo menos de 20%!*

*Comparem-se agora os riscos
do lavrador com os de comercian-
te — e tirem-se as conclusões!*

(Continuação na 2.ª página)

A Delegação de Loulé da Pro-Arte

realizou o seu 2.º Concerto

*Devido a compromissos já an-
teriormente assumidos pelos artis-
tas, foi antecipado para 27 de
Junho o sarau musical que, em
princípio, a Delegação de Loulé
da Pro-Arte pretendia levar a
efecto no dia 7 do corrente.*

*Apesar da autorizada opinião
do sr. Dr. Joaquim Magalhães
nos dispensar apreciações quanto
ao valor artístico dos executantes
e dos números escolhidos, nem
por isso podemos deixar de nos*

*referir a este sarau especialmente
para enaltecer os objectivos da
Pro-Arte que tem a preocupação
de apresentar ao público louletano
nomes do mais elevado mérito
e que por isso mesmo asseguram
aos seus concertos um nível difícil
de ultrapassar com artistas portugueses.*

*E temos a consciência de não
exagerar porque Vasco Barbosa
é considerado presentemente co-*

(Continuação na 2.ª página)

Caleidoscópio

*De passagem para Tavira e Vi-
la Real de Santo António, esteve
entre nós a ilustre e veneranda
figura do senhor Almirante Amé-
rico Tomás.*

*Embora fosse conhecida, qua-
se à hora, acorreu numeroso pú-
blico que o envolveu num am-
biente de natural satisfação e vi-
brante patriotismo, quando, irra-
diando simplicidade e simpatia,
admirava o monumento a Duarte
Pacheco.*

*O louletano, demonstrou mais
uma vez com a singeleza e dis-
crição que o caracteriza, e de
maneira inequívocamente espon-
tânea, que tem os olhos abertos
na difícil hora que passa.*

*O consagrado romancista, Joa-
quim Paço de Arcos, falando re-
centemente acerca da missão do
escritor, no Rotary Clube de Lis-*

*boa, acentuou que o papel do es-
critor na sociedade moderna é o
de trazer o mundo consigo, mel-
hor esclarecendo, e no mundo de
violências e de dogmatismos im-
placáveis que é o nosso em que
defender a liberdade de conscién-
cia, a liberdade de expressão do
artista, sem a qual a arte é trág-
ico arrependo, citando o princípio:
«os escritores deverão utili-
zar sempre a influência das suas
pessoas e dos seus escritos a fa-
vor do bom entendimento e do
respeito mútuo dos povos e de-
verem comprometer-se a fazer to-
do o possível para ajustar os
ódios de raças, de classes e de
nações e para propagar o ideal
duma humanidade que viva em
paz num Mundo unido». Conclui-
ndo, afirmou: «Para os que se
mantiverem fiéis a esta regra,
(Continuação na 2.ª página)*

EXEMPLO

*Sousa Costa, jornalista e
combatente, personaliza o
verdadeiro português de An-
gola.*

*A sua pena e o seu braço,
ambos igualmente fortes nas
horas tortas do nosso Congo,
foram incitamento e exemplo,
palavra viva e ação pronta.*

*Jaz agora num leito de
Luanda, entre a vida e a
morte, depois de cargas de
canhulado lhe haverem
atravessado a cabeça, quando
por terra angolana andava
no serviço da Pátria.*

*Deus permite que a morte
não o leve e que a vida o
guarde, pois o seu ardor, a
sua mocidade, a sua vontade
rica e o seu firme coração
muito e muito são precisos à
causa de Angola, que é inte-
rramente a causa de Portugal.*

Do «Diário Popular»

*N. R. — Também nós co-
nhecemos e admiramos Sou-
sa Costa através da pena
brilhante com que tem ex-
posto as suas lucidas ideias
no itemerato «Jornal do Con-
go» e por isso compartilhamos
com quantos lamentam a
ausência de Sousa Costa
das lides jornalísticas, en-
quanto formulamos votos
sinceros pelo seu rápido e
pronto restabelecimento.*

*Oxalá se confirme a noti-
cia dada pelo seu próprio
jornal de que os ferimentos não
são de gravidade, visto que
a imprensa não tem sido
únâme nas suas informa-
ções.*

(Continuação na 4.ª página)

A PROPÓSITO DOS

Desastres de Viação

*Com assustadora frequen-
cia, continuam a registar-se nos
arredores de Loulé lamentáveis des-
astres de viação, cuja gravidade
exige severas medidas de repre-
sação por parte das autoridades,
porque estão pondo em perigo a
vida e a segurança dos que pre-
cisam utilizar as vias públicas.*

*E não nos referimos apenas aos
desastres consumados mas tam-
bém aos que a todo o momento
podem ser originados pelo des-
respeito pelos mais elementares
princípios de segurança, pelo bom
senso e pelo código das estradas.
E são tantos os infractores que
os agentes da Polícia de Viação
que aqui prestam serviço, con-
sideram Loulé como uma das ter-
ras onde se cometem mais fre-
quentes e irritantes abusos.*

*E fazem-no tão malcriada e
inconscientemente que muitas ve-
zes se dão «ao luxo» (aliás bem
pago) de cometer irregularidades
mesmo junto ao Posto. Para es-
ses não tem sido aliviado o rigor
da Lei, mas é francamente de la-*

02.º concerto de PRO-ARTE

Pelo Dr. Joaquim Magalhães

*Como os leitores sabem, co-
meçou precisamente há um mês
a actividade da Delegação, em
Loulé, do movimento de divulga-
ção musical e artística, que o Dr.
Ivo Cruz, actual Director do Con-
servatório Nacional, vem procura-
ndo, com louvável persistência,
estender a todo o País. A título de curiosidade se lembra que o
primeiro ensaio de PRO-ARTE, no
Algarve, foi feito, durante
dois ou três anos, em Lagos, graças
à carolice do Dr. João Centeno.
A segunda realização da
iniciativa do Dr. Ivo Cruz, em
terras algarvias, está, agora, a dar os
primeiros frutos, em Loulé. A estreia,
auspiciosa, foi o concerto de Maria Campina, distinta e dedicadíssima artista lou-
letana e o recital da declamadora
Manuela Machado. Agora realiza-
u-se, com um programa de
excelente categoria, o concerto
pelos consagrados artistas Vasco
e Grazi Barros, no belo e aco-
lhedor salão da Câmara Municipa-
l, para os sócios da Delegação
local de PRO-ARTE. E bem gos-
taríamos de poder registar que
os amadores de boa música acor-
reram em grande número para
ouvir o nosso primeiro vio-
linista e sua irmã, também notá-
vel pianista. Contra a nossa es-
pectativa, e contradizendo o na-
tural anseio dos promotores do
concerto, a assistência foi redu-
zida. Espero que me não seja le-
vado a mal confessar que, se o
não tivesse verificado pessoal-
mente, me teria sido difícil acre-
ditar que, em Loulé, tão pouca
gente se interessava pela Música,
ou, então, não teria sabido do va-
lor relevante dos dois artistas que
se apresentavam para assim des-
perdiçar a oportunidade, rarissima,
de um concerto de tal enver-
gadura, e por tais intérpretes.*

*Fosse pelo que fosse, a verdade
é que só uma sala meio vazia te-
ve o privilégio de escutar o ma-
gnífico duo.*

*E os presentes, talvez porque
presentiram o possível desapõ-*

(Continuação na 4.ª página)

Café do Ultramar

*Em 99.200 contos importou o
café adquirido por Portugal nos
primeiros sete meses de 1960 às
provincias ultramarinas.*

*O total de café comprado atin-
giu as 6.986 toneladas, das quais
6.816, no valor de 93.788 contos,
adquiridas em Angola.*

*Como fornecedores à Metrópole
situam-se, em seguida, e por
ordem decrescente, as províncias de
Timor, de São Tomé e Príncipe
e de Cabo Verde.*

(Continuação na 4.ª página)

O GRAVE PROBLEMA AGRARIO

UNIDOS, SIM

*Nunca, como agora, a lavoura
algarvia sentiu a necessidade de
se unir e organizar para enfren-
tar os múltiplos problemas que a
assediaram. Enquanto a mão de
obra abundou era sobre esta que a
Lavoura descarregava o fardo,
barateando o trabalho e colo-
cando-o a um nível que lhe per-
mitia uma certa margem de lu-
cro, margeou essa quase sempre
desconhecida no seu quantitativo,
porquanto a maior parte dos la-
vradouros não fazia a destrição
entre o que era rendimento bru-
to e rendimento líquido. O la-
vrador vendia os seus produtos
e metia o dinheiro no bolso; com-
prava artigos de lavoura e paga-
va-os com esse dinheiro; no fim
do ano sempre ficava qualquer
coisa com que vestia a família,
pagava contribuições e, para os
mais poupados, fazia luzir no
canto da arca aquilo a que se po-*

*deria chamar o fundo de reser-
va. Escrita desse movimento não
existia, como ainda hoje não
existe para a maior parte dos la-
vradouros. Vivia-se da terra? Era
quanto bastava!*

*As coisas, porém, modificaram-
se. A vítima dessa mão de obra
barata, mercê dum maior grau
de instrução ou de maior facili-
dade de comunicações, foi le-
vantando a cabeca e deitando o
olhar por cima do muro que a se-
parava das fronteiras do País, e
viu que lá fora, nas Américas,
na França e outros pontos do
Globo se ganhava mais e com es-
se ganho poderia ter vida me-
lhore. Não hesitou e marchou de
longada. Primeiro os mais afi-
tos, depois os pais, os vizinhos,
e por fim a grande massa
dos trabalhadores do campo. Al-*

(Continuação na 3.ª página)

Cruz Vermelha Portuguesa

DELEGAÇÃO DE FARO

*Com o pedido de publicação,
recebemos desta prestimosa orga-
nização o seguinte comunica-
do:*

*Tendo terminado o apuramen-
to dos donativos recebidos no pe-
ditório que levou a efeito no pas-
sado dia 8, a Delegação da Cruz
Vermelha cumpre o dever de vir
apresentar o seu reconhecimen-
to a todos aqueles que contribui-
ram o bom êxito desta campanha.*

*Em primeiro lugar deseja esta
Delegação exprimir o seu elevado
apreço ao trabalho de solidariedade
que os voluntários da Cruz Vermelha
exercem no apoio ao Distrito e Pre-
sidente da Câmara de Faro, pe-
las facilidades concedidas para
este peditório.*

*Deseja também esta Delegação
sublinhar e agradecer a acção
dos Presidentes das Câmaras e
sua Ex.ªs. Esposas dos outros
concelhos, sem os quais não teria
sido possível obter tão bri-
lhantes resultados.*

*Não poderemos também esque-
cer a preciosa colaboração que
nos foi prestada pelo professorado
do primário de toda a província,
presidentes das Juntas e Párocos
das várias freguesias, assim como
todas as senhoras que nos auxi-
liaram nesta campanha, e ao pú-
blico em geral, que tão bem com-
preendeu e correspondeu às ne-
cessidades da hora presente.*

*Nesta Delegação continuamos
a receber todos os donativos que
nos querem enviar para a nos-
sua província de Angola.*

(Continuação na 2.ª página)

O horário dos telefones em QUARTEIRA

*A propósito desta notícia, vin-
da a público no último número
deste jornal, estranha-se que só
2 dos telefones instalados
em Quarteira possam ligar di-
rectamente a Loulé e, portanto,
ter o horário permanente desta
vila, quando os outros 32 tele-
fones têm a mesma necessidade
potencial de o fazer. Alguns deles
servem estabelecimentos hote-
leiros, outros, comerciantes expor-
tadores de peixe que têm camio-
netas em viagem pela província
e no norte do País, que vão co-
locar o peixe descarregado em*

Caleidoscópio

(Continuação da 1.ª página)

nao poderá haver mais nobre e mais bela missão neste Mundo, onde, apesar de tudo, ainda existe lugar para a beleza.

A sublimidade do conceito torna talvez pretenso qualquer comentário, contudo, não ficará deslocado lembrar que a nossa terra é, sem dúvida das que mais lutam pela continuidade das manifestações de beleza, de que fala o escritor. A atestá-lo está, o recente Pro-Arte, nascendo no opogeu da técnica e na roda viva dos números e das estatísticas, como se vê no dia a dia em que só se enxerga e venera o poderoso homo economicus.

Na Casa da Imprensa, em Lisboa, abriu, no passado dia 20, na presença de muitos intelectuais, artistas e estudantes, o colóquio «O Que é o Ideal Português?», organizado pelo movimento de Cultura Portuguesa (Jornal 57).

Apresentou a primeira tese o ensaista, sr. Dr. António Quadros que, entre o mais, afirmou:

«O ideal português conscientizado em filosofia portuguesa é sobretudo o aprofundamento e a activação destas cifras, ou situações limite: Mar, Nau, Viagem, Descobrimento, Demanda, Oriente, Amor, Império, Saudade e Encoberto». Esclareceu que,

«o mundo é fraternidade, orientação trans-racial e trans-geográfica; amor é o fortalecimento do ser humano para a dupla viagem, para a criação da obra, espiritual concreta: o quinto império, é o futuro império geral do espírito, dominador do mundo, da alma e do corpo; o encoberto, é a última verdade, supremamente misteriosa e no entanto sempre presente».

«A VOZ DE LOULE» — N.º 231 — 2-7-961.

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé A N U N C I O

No dia **catorze** do mês de **Julho**, pelas **onze** horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de Execução Sumária que **José Martins Farrajota**, casado, proprietário, residente nessa vila de Loulé, move contra **José Nunes Farias**, viuwo, industrial, residente em Terras Ruivas de Vale Judeu, freguesia de São Sebastião, que corre seus termos pela 1.ª Secção de Processos desta mesma Secretaria Judicial, se há-de pôr pela segunda vez em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor que lhe vai indicado, o prédio infra descrito penhorado ao executado nos referidos autos, a saber:

PRÉDIO A ARREMATAR

Uma couraça de semear, com árvores, no sítio de Vale Verde, freguesia de Almancil, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o número vinte e nove mil setecentos e sete, a folhas cento e oitenta e seis verso do Livro B - setenta e cinco e inscrita na respectiva matriz predial sob o artigo três mil setecentos e noventa e nove, com o valor matrício corrigido de três mil cento e noventa e dois escudos, que vai à praça por metade do seu valor ou seja **mil quinhentos e noventa e seis escudos**.

Loulé, 17 de Junho de 1961

O Chefe da 1.ª Secção,

a) Joaquim Guerreiro Brasão

Verifique a exactidão.

O Juiz de Direito,

a) José António Carapeto Santos

1 / 1

O solicitador encartado,

Geraldo dos Santos Esteves

MESA

VENDE-SE uma mesa de mogno em bom estado.

Nesta redacção se informa.

Trespassa-se ou Arrenda-se em Quarteira

O Café Restaurante Central

Tratar com Joaquim Manuel Gonçalves Pontes.

Telefone 30

QUARTEIRA

A TODO O ALGARVE

A PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL, convida a uma visita à sua nova Sucursal denominada

RESIDÊNCIA DO SUL

que perfaz 80 quartos do mais moderno e elevado conforto, que lhe mereceram a classificação de 1.ª classe (categoria que lhe foi atribuída com Distinção). Os preços mantêm-se normais.

Avenida Almirante Reis, 34 — (aos Anjos)

Queira reservar o seu quarto na RESIDÊNCIA DO SUL, telefonando para 847253 / 4 ou 22511 — 35647

GRIMALDI-SIOSA LINES

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para a VENEZUELA

O PAQUETE RÁPIDO «ASCANIA»

a sair de Lisboa em: 18 de Julho e em 17 de Agosto

Primeira classe a Esc. 9.895\$00 e

Terceira classe, em camarotes, a Esc. 5.690\$00

(tudo incluído)

Óptimo tratamento, criados e cozinha portuguesa,

Viagens muito rápidas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU

SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA

72-D, AVENIDA D. CARLOS I — LISBOA

Telef. 665054 - 672319

A Delegação da PRO-ARTE

(Continuação da 1.ª página)

mo o melhor violinista português e sua irmã Grazi Barbosa uma das nossas mais distintas pianistas.

Da forma como a sua actuação foi apreciada são elogios testemunho os vibrantes aplausos com que ambos foram cumulados e os elogios que ouvimos ao indiscutível valor musical de tão distintos executantes, cujo convívio é dum encantadora simplicidade.

Pela forma empolgante como ambos fazem vibrar os instrumentos, se deduz facilmente não apenas do seu valor intrínseco mas também do esforço dispensado ao longo de estes numerosos estudos e muitas canseiras, pois só assim conseguem vencer aqueles que insistentemente lutam por um ideal de perfeição.

E sabe bem assistir «ao vivo» a um sarau desta natureza porque se sente a música mais intimamente, embora para muitos possa parecer absurdo que um grupo de pessoas se reúna numa sala unicamente para ouvir música numa época em que os rádios de algibeira a espalham aos 4 ventos e encchem de validade os seus possuidores.

Sinceramente, lamentamos aqueles que deixaram perder tão bela oportunidade de contactar com 2 figuras de relevo dum meio musical de tão escassos valores artísticos como é o português. Embora sem o amparo de que estas iniciativas carecem para vingar em meio como o de Loulé pouca afecto a movimentos de carácter cultural, estamos certos que o capricho e o bairrismo de alguns louletanos tudo farão para que continue a cintilar ao Algarve a chama da Pro-Arte com tal vivacidade que contagie outras terras da nossa província.

Os 2 espectáculos realizados em Loulé pela Pró-Arte criaram tais responsabilidades aos louletanos que os prende para novos cometimentos e os impele a uma conjugação de esforços que assegurem a sua continuidade.

Os nossos parabéns a quantos, no dia 27 de Junho, estiveram presentes no Salão Nobre da Câmara Municipal de Loulé.

— O resultado do encontro foi 3-3 e a classificação final a seguinte:

1.º Campinense 9 pontos

2.º Vasco da Gama 8 «

3.º Unidos 6 «

4.º Juventude 1 «

O 1.º e 2.º classificados foram galardoados com taças e os 3.º e 4.º com salvas de prata.

Cabe aqui enaltecer a acção desenvolvida pelo presidente da direcção do louletano Sr. Joaquim Guerreiro Brazão que não se poupa a esforços para auxiliar os organizadores do Torneio a vencerem as inúmeras dificuldades que se deparam, sendo igualmente digna de elogio a persistência demonstrada pelo director da prova sr. Joaquim Manuel de Sousa Romeiro, a quem não faltou animo para levar até final uma competição de futebol que alguns desejaram (até parece mentira) anular.

O novo foi representado, por procuração, pelo pai da noiva.

Testemunharam a cerimónia,

c. sr. José Caetano Cardalinho e

esposa, sr. D. Emilia Guerreiro

Borda Cardalinho.

— No passado dia 15 de Junho,

teve a «délivrance» no Hos-

pitálio de Loulé, dando à luz uma

criança do sexo feminino, a sr. D. Maria do Rosário de Sousa,

esposa do sr. Francisco de Sou-

ra Correia, natural e residente

nesta localidade.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns.

— Acompanhado da sua espo-

sa, sr. D. Felismina Pinto Nunes

Inês, deslocou-se há dias a Lis-

boa o sr. Manuel Marcelino Inês.

— Em gozo de licença encon-

tra-se em Almancil o nosso con-

terrâneo sr. José de Jesus Se-

mião, que presta serviço no pos-

to da G. N. R. de Vale de Vargo

(Baixo Alentejo).

C.

sa Correia, natural e residente

nesta localidade.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns.

— Acompanhado da sua espo-

sa, sr. D. Felismina Pinto Nunes

Inês, deslocou-se há dias a Lis-

boa o sr. Manuel Marcelino Inês.

— Em gozo de licença encon-

tra-se em Almancil o nosso con-

terrâneo sr. José de Jesus Se-

mião, que presta serviço no pos-

to da G. N. R. de Vale de Vargo

(Baixo Alentejo).

C.

sa Correia, natural e residente

nesta localidade.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns.

— Acompanhado da sua espo-

sa, sr. D. Felismina Pinto Nunes

Inês, deslocou-se há dias a Lis-

boa o sr. Manuel Marcelino Inês.

— Em gozo de licença encon-

tra-se em Almancil o nosso con-

terrâneo sr. José de Jesus Se-

mião, que presta serviço no pos-

to da G. N. R. de Vale de Vargo

(Baixo Alentejo).

C.

sa Correia, natural e residente

nesta localidade.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns.

— Acompanhado da sua espo-

sa, sr. D. Felismina Pinto Nunes

Inês, deslocou-se há dias a Lis-

boa o sr. Manuel Marcelino Inês.

— Em gozo de licença encon-

tra-se em Almancil o nosso con-

terrâneo sr. José de Jesus Se-

mião, que presta serviço no pos-

to da G. N. R. de Vale de Vargo

(Baixo Alentejo).

C.

sa Correia, natural e residente

nesta localidade.

Aos felizes pais endereçamos os nossos parabéns.

— Acompanhado da sua espo-

sa, sr. D. Felismina Pinto Nunes

Inês, deslocou-se há dias a Lis-

boa o sr. Manuel Marcelino Inês.

— Em gozo de licença encon-

tra-se em Almancil o nosso con-

terrâneo sr. José de Jesus Se-

mião, que presta serviço no pos-

PENECO--Sociedade Comercial de Cafés, Limitada

Secretaria Notarial de Loulé

Primeiro Cartório Notarial a cargo do Notário Licenciado
José Alves Maria

Certifico que, por escritura de 31 de Maio de 1961, lavrada de folhas 84 a folhas 87, verso, do livro de notas para escrituras diversas, número 4 — C, do cartório acima referido, foi constituída a sociedade Peneco — Sociedade Comercial de Cafés, Limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.

Esta sociedade adopta a denominação de Peneco — Sociedade Comercial de Cafés, Limitada, fixa com a sua sede em Albufeira e domicílio e estabelecimento na rua Cinco de Outubro, números 5 e 7, durará por tempo indeterminado e o seu início contar-se-á, para todos os efeitos, desde hoje.

2.

O seu objecto é o comércio de café e restaurante, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria, em que os sócios acordem e a lei permita.

3.

O capital social é de 10.000\$, acha-se inteiramente realizado, em dinheiro, e formado por cinco quotas, sendo uma de 1.800\$, pertencente ao sócio Vitor Miguel Vieira de Sousa; outra de 1.800\$00, pertencente ao sócio António Manuel Pontes; outra de 1.800\$00, pertencente ao sócio Henrique dos Santos Losna; outra de 1.000\$00, pertencente ao sócio Manuel Francisco Maria, e outra de 3.600\$00, pertencente à sócia Vianco — Sociedade Comercial de Representações, Limitada.

4.

Ficam dependentes do consentimento da sociedade as cessões de quotas a estranhos.

5.

A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas pela sócia Vianco — Sociedade Comercial de Representações, Limitada, que desde já fica nomeada gerente, com dispensa de caução, e com a retribuição única de vinte por cento dos lucros líquidos da sociedade.

Parágrafo 1.º — A firma associada Vianco — Sociedade Comercial de Representações, Limitada, designará pessoa ou pessoas que, em sua representação, exercerão as funções de administração e gerência.

Parágrafo 2.º — Para o efeito do disposto no parágrafo anterior, a aludida firma designa desde já ambos os seus sócios José António Correia Maria e Cândido Vieira Coelho, os quais,

Trespassa-se

Por motivo de doença, trespassa-se um estabelecimento de solas, cabedais e calçado, situado num dos melhores locais desta vila.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Telef. 137 — Loulé.

Casa em Quarteira

Vende-se uma casa na praia de Quarteira (próximo do Mercado) com 7 divisões em conjunto e mais 6 separadas no quintal com frentes para as Ruas Vasco da Gama e Bartolomeu Dias.

Tratar com Marcos Gonçalves Dourado — QUARTEIRA.

SE DESEJA DORMIR BEM

COMPRE UM COLCHÃO DE MOLAS, mas não um Colchão qualquer...

Agora duas marcas mundialmente conhecidas:

EPEDA, o melhor colchão do Mundo! e o DELTA-LOC, o colchão que todos podem possuir, pela sua Alta Qualidade e pelo seu Baixo Preço.

Agente Exclusivo nos Concelhos de Loulé e S. Brás de Alportel

CASA MATIAS, Sucrs.— A MOBILADORA

LOULE' — Telef. 210

Fazem-se descontos especiais aos revendedores

UNIDOS, SIM

(Continuação da 1.ª página)

gum que restou da emigração alistou-se nos quartéis da Guarda e da Polícia, deixando o campo entregue às mulheres, aos velhos e aos filhos menores, tudo gente cuja capacidade de trabalho é bastante reduzida.

Outra classe mais prevenida, que não a Lavoura, teria aproveitado os primeiros sintomas da emigração para se pôr em guarda. Visto que já não poderia, de futuro, dispor de mão de obra barata, a Lavoura teria que largar mão de outros recursos e esses só poderiam ser encontrados mercê duma nova força, numa nova arma, cujo arsenal estaria justamente na sua organização, qualquer que ela fosse — grémios, cooperativas, associações de classe, etc. Visto que acabava de perder o único comando que possuía — a mão de obra — teria que fazer substituir esse comando por outro não menos eficiente: o preço do artigo vendido, vasto campo onde a

Há que ver, no entanto, que este novo comando não é de fácil manejo; não é o indivíduo isolado que domina as muitas alavancas que regulam o preço das coisas tiradas da terra. O indivíduo isolado nem sequer domina uma só dessas alavancas, tão complexo o sistema se apresenta.

Um caso, de entre os muitos que se poderiam apontar: O Algarve produz as melhores laranjas que se criam em Portugal, laranjas que vão abastecer todos os mercados do Centro e Norte do País. Pois enquanto

essas laranjas são vendidas, pelo produtor, no pomar, a razão de \$20, cada, nos mercados de Lisboa e Porto o preço é, mais ou menos, 1\$00; e se fôr num restaurante o consumidor paga-as a 3\$00.

11.

A sociedade apenas se dissolverá nos casos marcados na lei, e a liquidação dar-se-á pelos sócios, seus herdeiros e sucessores, conforme for acordado e de direito.

É certidão de teor parcial que diz extraír e val conforme ao original, nada havendo em contrário ou além do que se transcreve, na parte omitida.

Secretaria Notarial de Loulé, sete de Junho de mil novecentos sessenta e um.

O notário,
José Alves Maria

VENDEM-SE

2 motores, um de 7 HP a gasóleo e outro de 3,5 HP a petróleo.

Nesta redacção se informa.

Automóvel

Vende-se um automóvel Mercedes (a gasoil), com direito à praça em Loulé.

Nesta redacção se informa.

Para os seus SEGUROS consulte

Manuel de Sousa Pedro

SEGUROS em todos os Ramos

Largo Dr. Bernardo Lopes

LOULE'

SINGER

Vende-se uma máquina de costura «Singer» em bom estado.

Nesta redacção se informa.

Loulé, 22 de Junho de 1961

O Chefe da 1.ª Secção,

(a) Joaquim Guerreiro Brasão

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto dos Santos

Faça como milhares de pessoas de bom gosto:

Com a sua «bica» tome «TIANICA»

Agora pergunto: Qual é o indivíduo que, isoladamente, pode mão nesse desmando?

Eu sei bem que o grande pôr mar ainda dispõe de certas condições de defesa ante o caso acima apontado. Mas nem toda a gente pode dispor dum grande pomar, sucedendo que a grande maioria dos proprietários apenas dispõe dumas quantas árvores, aliás de cultivo caseiro, cujos frutos vai vender ao mercado próximo, quase sempre abarrotado. Pois se houvesse organização capaz, nem o lavrador venderia a sua laranja por \$20, nem o consumidor de Lisboa a pagaria por 1\$00. A cooperativa ou o grémio estudariam a forma de evitar o abuso, e conseguiram-lo porque lá diz o aforismo: a união faz a força.

Passando o pomar ao alfarbal o caso não é menos edificante. As alfarrobeiras são nossas, mas os frutos, não! E não são porque não dominamos o respectivo preço de venda; e de todas as vendas que efectuamos ficamos sempre esta impressão: se o comerciante não levou os frutos de graça foi porque a sua «generosidade» o aconselhou a ter sempre a ordem, dócil e submissa, uma certa reserva de mão de obra barata, objectivada na pessoa do lavrador. Quer dizer: o comerciante faz hoje da Lavoura o mesmo que esta fazia do antigo trabalhador rural — dá-lhe o menos possível para ela não fugir do aprisco.

Eu bem sei que na língua do meu interlocutor está presente esta observação: E o comerciante tem que se regular pelo regime de cotações que lhe oferecem lá fora?

Tem, evidentemente; mas o que é que o comerciante já fez para sair desse regime ou para o modificar, criando possibilidades novas, na valorização do produto, quer no campo comercial, quer no campo industrial, quer no da indústria?

Nada fez, nem nada poderia fazer, porque tais problemas não se situam no seu campo de ação.

Com efeito, não cabe ao comerciante estudar o valor intrínseco da mercadoria que transaciona, o valor potencial que a mercadoria pode conter, uma vez submetida à pesquisa científica e desdobrada nos seus elementos valorizáveis. Esse papel, como se disse, não está na mão do comerciante; mas pode estar, e muito bem, na algada da organização — cooperativa em regime simples ou em regime associado, como convém para o caso.

Se tivermos vida e saúde, varemos ao caso.

Gil Brasino

A VOZ DE LOULE — N.º 231

— 2-7-961.

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANUNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Loulé e nos autos de Processo de Habilitação que FLORINDA DA CONCEIÇÃO e marido, JOSÉ DE SOUSA PADEIRINHO, ela doméstica e ele trabalhador, residentes em Vale d'Éguas de Cima, freguesia de Almancil, e MARIA ROSA GONÇALVES e marido, FRANCISCO GUERREIRO, ela doméstica e ele trabalhador, residentes em povo e freguesia de Almancil, movem aos notificandos e bem assim a MANUELA CRUZ BARROSO, viúva, residente em Barriada de Corrales, Grupo D, número quatro, Aljaraque, Huelva, Espanha e a Francisca Rosa e marido, Francisco de Sousa Alminhas, ela doméstica e ele trabalhador, residentes em Vale Formoso, freguesia de São Clemente, correméditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, notificando os requeridores Manuel Francisco Caldeirinha e mulher, Clara Parreira, ele trabalhador e ela doméstica, ausentes em parte incerta da Argentina; José Martins Caldeirinha e mulher, Tereza Júlia, ele trabalhador e ela doméstica, também ausentes em parte incerta da Espanha, que tiveram o seu último domicílio conhecido no lugar de Vale Formoso, freguesia de São Clemente, para no prazo de oito dias, findo o dos editos, contestarem, querendo, o pedido dos autores, que consiste na sua habilitação e dos requeridores, como herdeiros e representantes de Francisco Martins Rosa ou Francisco Martins Caldeirinha, falecido em um de Maio de 1960, a fim de com eles prosseguir na acção de divisão de coisa comum que contra o mesmo e outros requerem, devendo com a contestação oferecer o rol de testemunhas e quaisquer outros documentos que queiram produzir e solicitar, nesta Secretaria Judicial, o duplicado da petição inicial.

No dia 22 de Junho de 1961, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, nos AUTOS DE ACCAO DE DIVISAO DE COISA COMUM que Francisco Caldeirinha e mulher, Clara Parreira, ele trabalhador e ela doméstica, ausentes em parte incerta da Argentina; José Martins Caldeirinha e mulher, Tereza Júlia, ele trabalhador e ela doméstica, também ausentes em parte incerta da Espanha, que tiveram o seu último domicílio conhecido no lugar de Vale Formoso, freguesia de São Clemente, para no prazo de oito dias, findo o dos editos, contestarem, querendo, o pedido dos autores, que consiste na sua habilitação e dos requeridores, como herdeiros e representantes de Francisco Martins Rosa ou Francisco Martins Caldeirinha, falecido em um de Maio de 1960, a fim de com eles prosseguir na acção de divisão de coisa comum que contra o mesmo e outros requerem, devendo com a contestação oferecer o rol de testemunhas e quaisquer outros documentos que queiram produzir e solicitar, nesta Secretaria Judicial, o duplicado da petição inicial.

1.º

Um monte que se compõe de casas de habitação, palheiro, forno, pôcilo e terras de semear c.m árvores no sítio do Freixo Verde, freguesia de Alte, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 31.364 a folhas 21 v.º do livro B-80, inscrita na matriz predial urbana sob o artigo 1936 e na rústica sob os artigos 12492, 12493, 12494 e 12501, com o valor matricial corrigido de 2.288\$00.

2.º

Uma courela de terra de se arar com figueiras, no mesmo sítio e freguesia, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 31.367, a folhas 23 do livro B-80 e inscrita na matriz predial sob o artigo 12.716, com o valor matricial corrigido de 1.428\$00.

Loulé, 5 de Junho de 1961

O Chefe da 2.ª Secção,

(a) Francisco Dias Braga

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,

(a) José António Carapeto dos Santos

José António Carapeto dos Santos

Dr. Pulido Garcia

CLÍNICA GERAL — PARTOS

Consultório: — Rua Vasco da Gama — FARO

às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras — das 14 às 17 horas.

Residência: Avenida Marçal Pacheco — LOULE

Telefone 107

LIVROS

ITINERARIO DO INFANTE D. HENRIQUE NO ALGARVE

por Alberto Iria

Apesar de já ter expirado o

«Ano do Infante», a verdade é

que, em torno dessa figura histórica universal, se continuam desenvolvendo interessantes estudos e

revelando novas facetas da vida

do Navegador. Merecem uma es-

pecial atenção as obras que as

Comissões Henriqueinas têm feito

editar, subscritas por nomes destaca-

cados da Historiografia Portu-

guesa. Surge-nos agora, mais

um livro dentro desse ciclo, obra

de grande interesse — «Itinerário

do Infante D. Henrique no Algarve

— merece o interesse geral, ele,

tem para nós, uma maior actuali-

dade, pelo que representa para

um mais perfeito conhecimento

da figura e da obra do Príncipe

<p

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Julho:
Em 1, o sr. Francisco Brito Rocha, residente em Carnaxide.
Em 2, a sr. D. Guilhermina Pereira Bento de Sousa Ramos, e o sr. Manuel de Sousa Farraga, residente no Canadá.
Em 3, a sr. D. Emilia de Souza Carrusca e o menino Edelberto Correia Contreras e Heitor Rua Arquieri, residente na Argentina.
Em 4, as sr. D. Maria Célia de Brito Pinto, residente na Venezuela e D. Lídia Guerreiro Pinto.
Em 5, a menina Maria Filomena Calço Gonçalves.
Em 6, as meninas Aurida Maria da Piedade Ferreira, Maria do Carmo Vasques da Franca Leal, Maria Henrique Vila Lobos de Carvalho Santos e Aura Maria Rosa.
Em 8, as sr. D. Albertina Dias Pencarinha e D. Florinda da Palma Cláudio.
Em 10, o menino Carlos Alberto Dias Cabanita e a menina Josefina Maria Bárbara Galvão.
Em 11, o sr. Dr. Manuel Cabecadas, o menino José João Costa Mendonça e a menina Zélia Maria Viegas da Costa.
Em 12, as meninas Maria de Fátima Silva Centeno e Adília Maria Guerreiro e o sr. João Mendes Romão.
Em 13, o menino António José Rocheta Guerreiro Rua.
Em 15, o sr. António Henrique Calçada Viegas, residente em Angra.
Em 16, a menina Maria do Carmo Viegas de Brito, os meninos José Palma Leal e Fernando da Franca Leal Rodrigues Cebola.
Em 17, a sr. D. Rosa Maria Cavaco Guerreiro e a menina Maria Teresa Rocheta Cassiano.
Em 18, o sr. Jorge Marinha Gema.

PARTIDAS E CHEGADAS

Com curta demora, esteve em Loulé, o nosso dedicado amigo e assinante sr. Dr. Ventura Rocheta Gomes, secretário do Governo Civil de Leiria.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o sr. Amílcar Alves Cavaco, nosso prezado assinante em Vila Mariana Machado (Angola) que veio de terra natal em gozo de férias.

CASAMENTO

Na igreja Matriz desta vila, realizou-se no pretório dia 4 de Junho o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Amélia Baguinho dos Santos, prendada filha do sr. Francisco dos Santos e da sr. D. Maria Baguinho dos Santos, com o sr. José Sequeira, industrial em S. Brás de Alportel, filho da sr. D. Virginia Nunes Sequeira e do sr. José Nunes Sequeira (falecido).

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua irmã sr. D. Margarida Baguinho dos Santos Panelas e marido sr. Manuel das Dores Panelas, comerciante em Aljustrel e por parte do noivo seu irmão sr. Valêncio Nunes Sequeira, funcionário dos C. T. T. em Loulé e o sr. Manuel Lourenço Júnior, industrial em S. Brás de Alportel.

Os noivos, que após a cerimónia seguiram em viagens de núpcias para Lisboa, fixam a sua residência em Loulé.

No passado dia 10 de Junho realizou-se na Igreja Matriz de Loulé o enlace matrimonial da sr. D. Maria Fernanda de Sousa Ernesto, prendida filha do sr. Kropotkin Fantasia Ernesto e da sr. D. Cecília Ernesto, com o sr. Artur Manuel Rodrigues dos

Motorista

Motorista com carta de pesados e prática de pesados e ligérios, oferece-se.

Tratar com Graciosa Sérgio Palma — sítio do Além — Almancil.

Santos, filho do sr. Manuel dos Santos e D. Manuela Rodrigues Estevão (falecidos).

Foram padrinhos da noiva seus tios sr. António de Almeida Lopes e esposa sr. D. Sônia Ernesto Lopes, residentes no Barreiro e do noivo seus tios sr. João Romão da Conceição e esposa sr. D. Maria Jacinta dos Santos, residentes em Lisboa.

Foi celebrante o rev. Padre Cabanita.

Após a cerimónia foi servido em casa da noiva um finíssimo «copo de água» aos convidados.

Os nossos parabéns aos novos casais.

FALECIMENTOS

No passado dia 23 p. faleceu no Hospital de Loulé o sr. Manuel Gonçalves Pereira, de 42 anos, proprietário no sítio dos Montes Novos, que deixa viúva a sr. D. Maria Antónia Brás, era pai do menino Gilberto Rodrigues Pereira, estudante do Liceu de Faro, filho da sr. D. Joaquina Mariana e irmão da sr. D. Maria José Pereira.

Em casa de seu afilhado, sr. Aníbal Ferreira Coelho, com quem residia, faleceu no passado dia 12 de Junho a sr. D. Fortunata Silvestre Fernandes, solteira, que contava 80 anos de idade.

Em Almancil, de onde era natural e residia, faleceu no pretório dia 11 de Junho a sr. D. Maria do Pilar Carrusca Aleixo, que deixa viúvo o sr. Francisco José Aleixo, proprietário naquela localidade e era mãe das sr. D. Maria do Pilar Carrusca Aleixo, casada com o sr. Manuel Francisco Aleixo; D. Catarina Carrusca Aleixo Filipe, casada com o sr. Francisco Filipe; D. Maria Carrusca Aleixo Valério, casada com o sr. Francisco de Brito Valério, e dos srs. Cristóvão Carrusca Aleixo e Manuel José Aleixo, casado com a sr. D. Maria Margarida Viegas Aleixo.

As famílias enlutadas, endereçamos sentidas condolências.

Rede Telefónica

Segundo nos informa a Administração Geral dos C. T. T., foi ampliado o horário da rede telefónica da Luz de Tavira, que passa a fazer serviço até à meia noite.

Deste horário beneficiam também os postos telefónicos públicos de Estremantes, Amaro Gonçalves e Santo Estevão.

Horário dos telefones em QUARTEIRA

(Continuação da 1.ª página)

Quarteira em localidades diferentes, consoante as necessidades.

Como os desembarques em Quarteira têm por vezes lugar durante a noite, quando a sorte da pesca assim o determina, facilmente se conclui que do horário actual admêm prejuízos para os usuários do Telefone, não só como zona de turismo existente há 30 anos, mas também como centro de pesca. Para verificar como isto se demonstra na realidade através dos números, permitimo-nos transcrever do Jornal do Algarve de 4 de Fevereiro do corrente ano, a captação dos adicionais para a Câmara Municipal de Loulé, sobre a contribuição predial (e o imposto de pesca de Quarteira) das 9 freguesias, em 1958:

Quarteira, 63\$80; Ameixial, 11\$60; Querença, 10\$00; Alto, 9\$30; Salir, 7\$90; S. Sebastião, 7\$70; S. Clemente, 7\$40; Almancil, 7\$30; Boliqueime, 5\$80.

Supomos, por isso, que a Câmara Municipal não deve descurar a justa razão que assiste a Quarteira.

Quarteirense

Sabemos que um capitalista pretende construir um hotel no Barranco Velho. A muitos pareceráousada tal iniciativa, dado que a terra não existe nos roteiros turísticos do País.

Estamos em crer que a Câmara de Loulé facultará todos os meios ao seu alcance para que seja facilitada a concretização de tão notável quanto arrojado empreendimento até porque desta entidade dependem 2 factores de capital importância para que um hotel possa existir:

02.º Concerto de PRO-ARTE

(Continuação da 1.ª página)

tamento dos artistas, procuraram compensar com o calor e o carinho intenso dos aplausos, aliás mais que merecidos, a falta dos que não compareceram.

No ambiente atento e comovido daquelas dezenas de pessoas o programa foi integralmente cumprido, com o mesmo humilde respeito pelas obras e pelos autores, como se a sala estivesse a trasbordar ou como se o concerto se tivesse realizado perante um Coliseu à cunha. Vasco e Grazi Barbosa deram-nos assim a medida da sua probidade artística e do respeito devido aos valores da Arte, que os caracterizam como intérpretes e como pessoas. Belo exemplo, que merece registo. E por tal forma isto foi entendido que, depois de estimulado o ambiente de receptividade simpática pela interpretação da sonata do compositor francês do século XVIII, Leclair, o público começou a vibrar intensamente e chegou a ser exuberante de carinho e de caloroso agradecimento, durante o resto do programa.

Amor com amor de paga.

A sonata de Leclair ilustra bem o estilo sóbrio da música da época clássica. Vasco Barbosa executou-a com segurança dominadora de instrumentista absolutamente senhor de si e na posse plena de recursos interpretativos e de técnica completa que o caracterizam. A peça foi vivida pelo artista com a expressividade requerida e o recorte precioso e preciso dos pormenores de cada um dos quatro andamentos, atingindo o brillantismo na sarabanda do terceiro e no «vivace» do final.

Grazi Barbosa, ferida num dedo por acidente ocorrido durante a viagem de Lisboa para o Algarve, deu apesar disso, com figura expressiva, e num piano, que não é rigorosamente um piano de concerto, a réplica e o acompanhamento que competem ao género: sonata.

E que dizer do estoicismo com que teve de arcar com a responsabilidade da parte orquestral do concerto de Brahms? Simplesmente exemplar.

Vasco Barbosa, deu-nos, nessa peça, uma vivência extraordinária, num desempenho vigoroso, subtil, caloroso e sóbrio da obra famosa. Foi um regalo emocionante ouvi-lo, pela intensidade, pela variedade do seu «jogo» interpretativo e pela admirável segurança de execução.

Depois do concerto, realizou-se um beberete de homenagem aos artistas. E então, no convívio franco com os admiradores, tanto Vasco Barbosa como sua irmã mostraram que ao alto valor como intérpretes se aliava uma simpatia pessoal irradiante e uma simplicidade humana que mais completamente cativaram e sensibilizaram os que os acompanharam nesse acto de agradecimento. Foi o que, a pedido dos organizadores, tivemos o privilégio de acentuar, fazendo votos por que, de novo voltem, quando puder ser.

Brilhou, naturalmente, no solilóquio da «cadência» do primeiro andamento, impondo-se, em toda a interpretação, pela perfeita comunicação que obteve para o espírito romântico da obra... Para quem, como nós, não ouvimos directamente, há tantos anos, constitui um prazer de raro saber estético, verificar os progressos do artista no domínio completo do instrumento. E ficamos a imaginá-lo com acompanhamento de orquestra nessa obra-prima do violino.

A III parte do programa, constituída por três obras de diversa índole, confirmou em absoluto a riqueza de possibilidades e do domínio técnico que V. B. atingiu e revela em plena maturidade.

Na «Danza ritual do fogo» de Manuel de Falla, adaptada por Kechanski, na «Polaca brillante» do polaco, Wieniawsky, e no «Romances» de Luis Barbosa, pais dos artistas, tanto Vasco como Grazi confirmaram, sem lugar a dúvida, a impressão arrebatadora que causaram na selecta assistência.

E para corresponderem aos aplausos vibrantes e irresistíveis com que a assembleia manifestou o seu entusiasmo e lhes agradeceu a bela hora musical vivida, os artistas interpretaram ainda dois números extra-programa:

o «Scherzo-Tarantela» de Wieniawsky e a composição, de fundo folclórico, «Ao pé da fogueira», do brasileiro Vale, pela 1.ª vez tocada, em Portugal, há anos, pelo famoso Isacha Heifetz.

Em resumo, um concerto memorável, do melhor e mais completo que temos ouvido na província e que constitui, um acontecimento artístico e cultural de primeira ordem, a marcar com pedra branca a iniciativa de PRO-ARTE.

Oxalá que o aspecto-assistência não constitua para os dirigentes da Delegação motivo de desânimo. O que se impõe é prosseguir.

Depois do concerto, realizou-se um beberete de homenagem aos artistas. E então, no convívio franco com os admiradores, tanto Vasco Barbosa como sua irmã mostraram que ao alto valor como intérpretes se aliava uma simpatia pessoal irradiante e uma simplicidade humana que mais completamente cativaram e sensibilizaram os que os acompanharam nesse acto de agradecimento. Foi o que, a pedido dos organizadores, tivemos o privilégio de acentuar, fazendo votos por que, de novo voltem, quando puder ser.

J. Magalhães

A Propósito...

É fóra de dúvida que a «Voz de Loulé» tem defendido denodadamente os anseios das freguesias rurais do nosso concelho, esforçando-se por contribuir para o seu progresso e bem estar das respectivas populações.

Os seus mais instantes problemas aqui têm sido debatidos com o firme propósito de bem servir e cremos que devido a esse esforço algo tem sido conseguido.

E vem isto a propósito da recente criação em Salir de uma estação dos C. T. T., uma necessidade que há muito se impunha e cuja ideia «A Voz de Loulé» tem acarinhado, tendo agora conseguido com que as entidades oficiais dessem satisfação a essa justa aspiração daquela freguesia.

Para concretizar este melhoramento, resta aos salirenses esforçarem-se por conseguir uma causa que sirva para o efeito.

Mais uma vez se verifica que a chamada pequena imprensa, quando trilhando o bom caminho, muito pode contribuir para o progresso da grelha.

Sabemos que um capitalista pretende construir um hotel no Barranco Velho. A muitos pareceráousada tal iniciativa, dado que a terra não existe nos roteiros turísticos do País.

Estamos em crer que a Câmara de Loulé facultará todos os meios ao seu alcance para que seja facilitada a concretização de tão notável quanto arrojado empreendimento até porque desta entidade dependem 2 factores de capital importância para que um hotel possa existir:

Água e energia eléctrica.

A. B. M.

MOTA

Por motivo de retirada para o estrangeiro, vende-se uma mota Norton de 500 c. c. em bom estado.

Tratar com Manuela de Sousa Luís — Gocinha — LOULE.

Caleidoscópio

Ex.º Sr. X

A propósito da nota solta comentando o atraço do início das exibições da Pró-Arte em Loulé, projecto que se vinha arrastando há quase um ano, solicito um pequeno esclarecimento:

Na verdade, o artigo foi escrito antes do espetáculo da Delegação de Loulé da Pró-Arte, realizado em 27 de Maio, e segundo nos esclareceu T. V., autor da entrevista com o Dr. Ivo Cruz, publicada no Jornal do Algarve do dia 21 anterior foi o próprio director do Conservatório Nacional que se lamentou de ainda não terem começado os espetáculos, em Loulé e Faro, apesar de se terem iniciado as tentativas para organizar as Delegações da Pró-Arte há bastante tempo nas localidades.

Por outro lado, esclarece o Dr. Ivo Cruz, que à distância em que o Algarve se encontra de Lisboa, a exibição de uma orquestra sinfónica ou de um artista nacional de certa categoria, exige um despendido de dinheiros que só tem defesa desde que na mesma ocasião se realize mais do que um espetáculo na província. E, por isso, era necessário que, ao mesmo tempo do que sucede e m Loulé, se criassem delegações da Pró-Arte em Lagos (onde, aliás, já existiu e acabou por desaparecer, pelo motivo atraído indicado), Portimão (com o seu núcleo da Praia da Rocha), Faro, Olhão, Tavira e Vila Real. De resto, acrescentou o Dr. Ivo Cruz, é assim que sucede nas outras províncias, onde os espetáculos musicais da Pró-Arte já se realizaram em número de mil.

E já agora, permitem-me o diretor desse jornal que transmite um alvitre. A cultura musical que a Pró-Arte vai realizar na Província, devia ter uma correspondência no estudo que está por trazer dos compositores algarvios, através das suas obras mais representativas. Na Comissão Cultural da Casa do Algarve, em Lisboa, ouvimos algumas vezes falar, sobre ela, o falecido mestre e compositor Pavia de Magalhães que mostrou algumas destas composições. Outros, como José de Padua, deixaram composições musicais de bastante valor: julgamos que há um certo trabalho de investigação musical a fazer neste capítulo, que cabe muito bem à sua Junta Distrital, nos precisos termos do Código Administrativo.

Ainda recentemente a Fundação Gulbenkian promoveu uma exibição de música antiga (Idade Média e Moderna) no Teatro de Loulé. O que estranhamos é que o posto de Loulé da P. V. T. ainda não esteja equipado com uma moto que permita aos respectivos agentes aquela mobilidade de que tanto carecem para fazer impor a Lei àquelas que não obedecem (e precisam) de correctivo. Merecem e precisam porque são malcriados e fazem estuprados excessos de velocidade, muitas vezes sem que os veículos ofereçam a necessária segurança, do que foi flagrante prova o recente desastre na Avenida Costa Mehalha em que o motociclista, para se desviar de um automóvel, ainda a uma distância razoável, saltou o lanchi e desfez o veículo contra a parede, ficando com o crânio fracturado e com a vida presa por um fio.

Hoje temos a registar mais 2 desastres que nada dignificam os causadores, pois revelam grande falta de prudência e imperícia, dois factores que contribuem grandemente para os desastrosos acidentes que diariamente ocorrem nas estradas. Um dos desastres deu-se na estrada de Malhadas (Boliqueime), porque um motociclista cortou uma curva tão à esquerda que se enfeiou com violência no farol direito de um automóvel que seguia na sua mão, em sentido contrário e era conduzido pelo sr. João Ambrósio Cabrita Neto, de Olhão.

O condutor da motorizada, sr. José Joaquim Baptista, do sítio de Ameixal das Paderas (Paderas), sofreu uma fratura na perna direita, uma ferida contusa no crânio e várias escoriações pelo corpo. Ficou internado no Hospital de Loulé, em estado grave.

O outro desastre a que nos referimos registou-se no cruzamento do sítio do Parragil, no dia 22 de Junho devido a excesso de velocidade do automóvel conduzido pelo sr. José Francisco Miguel Rosa, natural de Almancil e residente em Caracas (Venezuela).

Parece que o condutor perdeu o domínio do carro quando avistou um trator com atrelado junto ao passeio. Ultrapassou-o pela direita e derrubou 3 bicicletas motorizadas e uma a pedal, indo atropelar 6 rapazes que estavam sentados junto do estabelecimento do sr. Inácio da Guia. Por terem ficado gravemente feridos nas pernas, tiveram que ser internados no Hospital de Loulé os srs. Manuel Sebastião Adriano, Manuel Brito Cavaco, Lecília Viegas de Sousa e David Correia Duarte.